

# O sábio Apolônio de Tiana em testemunhos contrastantes: a tradição epistolar e a obra do sofista grego Filóstrato (séc. III d.C.)

Semíramis Corsi

## RESUMO

A realidade em torno do sábio Apolônio de Tiana, polêmico personagem envolto em magia e filosofia pitagórica, que viveu, provavelmente, no séc. I d.C., é permeada por dúvidas. Além da biografia *Vida de Apolônio de Tiana*, escrita pelo sofista grego Flávio Filóstrato, em meados do séc. III d.C., temos algumas menções sobre Apolônio em textos e testemunhos da cultura material e uma série de cartas transmitidas como de autoria do próprio Apolônio. Contudo, a autoria dessas cartas é muito questionada, assim como os demais testemunhos trazem visões esparsas sobre o tianeu, carregadas dos julgamentos de seus autores. Portanto, temos poucas informações sobre quem foi e o que fez Apolônio além do que é mostrado por Filóstrato, sendo o retrato de Apolônio no texto filostratiano também discutido pelos estudiosos que percebem diversos elementos do contexto do biógrafo na obra. Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar uma análise desses dois documentos, as cartas e a obra de Filóstrato, em contraste. Partimos do pressuposto de que há elementos de identificação entre Apolônio e o grupo que Filóstrato fazia parte, os sofistas gregos da Segunda Sofística, que não se encontram nas cartas. Tal análise documental traz informações importantes para a compreensão do momento histórico em que viveu o biógrafo e suas intenções na obra. Além disso, com tal análise, percebemos aspectos sobre a política e a administração do Império Romano do séc. III d.C. e podemos discutir a interessante relação entre biógrafos e biografados na escrita das biografias.

## PALAVRAS-CHAVES

*Vida de Apolônio de Tiana*; Flávio Filóstrato; sofistas gregos; séc. III d.C.; biografias.

# A

## INTRODUÇÃO

Apolônio de Tiana foi um personagem que viveu, provavelmente, no séc. I d.C. O possível Apolônio histórico e sua trajetória são motivo de dúvidas e de muitos questionamentos por parte de estudos acadêmicos, além de especulações de cunho religioso e esotérico. Envolvido em diversas polêmicas, Apolônio foi comparado a Jesus Cristo no séc. IV d.C. por Sosiano Hierócles, governador da Bitínia e perseguidor de cristãos ao lado do imperador Dioclesiano, que teria valorizado os atributos miraculosos de Apolônio contra Jesus, testemunho que, porém, não chegou até nossos dias. Tal comparação foi criticada mais tarde pelo cristão Eusébio de Cesareia em *Contra Hierócles*, a quem devemos o testemunho sobre tal comparação feita por Hierócles. Apolônio esteve envolvido em uma acusação de práticas mágicas e parece ter-se relacionado com governantes romanos e até imperadores, segundo testemunhos de Flávio Filóstrato na biografia *Vida de Apolônio de Tiana*.<sup>1</sup>

Flávio Filóstrato, por sua vez, foi um destacado sofista grego da Ilha de Lemnos, parte do território ateniense. Foi próximo à corte dos imperadores da dinastia dos Severos, Septímio Severo e Caracala e, possivelmente, chegou a viajar junto ao cortejo imperial por manter relações com a imperatriz Júlia Domna, esposa de Septímio e mãe de Caracala, a quem ele diz ter-lhe pedido que escrevesse a obra sobre a vida de Apolônio de Tiana (VA, I, 3).

Além da obra escrita por Filóstrato, em meados do séc. III d.C., temos algumas menções sobre Apolônio em textos e testemunhos da cultura material e uma série de cartas transmitidas como de autoria do próprio Apolônio. No entanto, temos poucas informações sobre quem foi e o que fez Apolônio além do que é mostrado por Filóstrato, sendo o retrato do tianeu no texto filostratiano discutido pelos estudiosos que percebem diversos elementos do contexto de produção, o séc. III, na obra.<sup>2</sup> Cumpre destacar que a VA de Filóstrato se caracteriza pela longa narrativa de viagens do biografado que duraram toda sua vida adulta, viagens essas por alguns extremos do mundo conhecido na época, da Índia à Hispânia Bética, de Roma à Etiópia.

Cumpre ressaltar que o contexto em que Filóstrato estava escrevendo foi um importante momento de expansão dos contatos

político-culturais no Império romano. Esses contatos podem ser percebidos na própria origem do primeiro Imperador da dinastia, Septímio Severo, que era da província da África Proconsular, na origem síria da primeira Imperatriz, Júlia Domna e também dos Imperadores Heliogábalo e Severo Alexandre, além da introdução de práticas orientais, principalmente sírias, nos rituais religiosos da corte. Também é, durante a Dinastia dos Severos, que foi elaborada a *Constitutio Antoniniana*, pela qual o imperador Caracala concedeu, no ano de 212 d.C., cidadania romana a todos os membros livres do Império. Segundo Alejandro Bancalari Molina (2000, p. 24), ao ditar a *Constitutio*, Caracala criava um novo mundo, um império novo, único política e juridicamente através de uma cidadania universal.

Carrié (2011, p. 12) propõe que o governo do Império romano transcendeu as identidades étnicas com a ascensão ao poder da Dinastia dos Severos, pois dessa dinastia temos imperadores não romanos, mas naturalizados romanos, que realizaram a abertura da cidadania. Embora saibamos hoje que os resultados da extensão da cidadania por Caracala não provocou mudanças em relação à divisão dos grupos sociais, pois novas fronteiras foram criadas no interior da cidadania, acreditamos que intelectuais, como Filóstrato, que viviam e escreviam justamente nesse momento, refletiram e afirmaram em suas obras marcas de distinção, enquanto membros da elite greco-romana.

Além dessas questões de ordenamento interno, em relação às fronteiras geográficas do Império propriamente, sabemos que, no início do período dos Severos, há a incorporação de parte da Mesopotâmia ao Império como reino cliente (GRIFFITH, 2004, p. 317) e guerra entre romanos e partos. Em 211/212 d.C., os persas, sob a Dinastia Sassânida, iniciam várias tentativas de conquistar partes do Império Romano. Em 220 a.C., os persas ocupam o reino dos partos, centralizado na Babilônia, e tornam-se uma das maiores preocupações do Império Romano no momento (MILLAR, 1988, p. 345).

Portanto, podemos notar um pouco do contexto e das inquietações que rondavam o momento em que nosso documento de pesquisa foi elaborado: momento de extensão da cidadania e de reflexões, negociações e construções ideológicas de membros dos grupos privilegiados sobre sua participação no poder imperial, além de preocupações em relação às fronteiras geográficas propriamente.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar uma análise dos dois documentos mencionados em torno de Apolônio, as cartas e a obra de Filóstrato, em contraste, na busca de compreendermos a construção do Apolônio feita na biografia. Partimos do pressuposto de que há elementos de identificação entre Apolônio e o grupo do qual Filóstrato fazia parte, os sofistas gregos da Segunda Sofística, assim como aspectos do contexto em que Filóstrato escreveu, que não se encontram nas cartas. Lembremos que o sofista Filóstrato é também autor da obra *Vidas dos sofistas*, texto que, para nós, contém um conteúdo apologético aos sofistas e àqueles com formação aos moldes da *paideia* grega em funções político-administrativas no Império romano.<sup>3</sup>

Há uma grande problemática em torno da autenticidade das cartas transmitidas como escritas por Apolônio de Tiana. Em sua totalidade, esse *corpus* epistolar possui cerca de cem cartas, sendo que, na VA, há onze delas citadas, algumas com as respectivas respostas dos destinatários.<sup>4</sup> As cartas transmitidas pela VA de Filóstrato também foram encontradas na tradição manuscrita independente, podendo ter sido incorporadas nessa tradição a partir da VA. Nesse sentido, tais cartas podem ser fruto da criação filostratiana, tese defendida por Robert Penella (1979). Jaap Jan Flinterman (1995, p. 70-72) argumenta que são muitas as hipóteses sobre a relação dessas cartas com a VA: todas as cartas transmitidas pela VA podem ter sido criadas por Filóstrato, o biógrafo pode tê-las produzido, a partir de tradições anteriores, sobre Apolônio, as cartas não citadas na VA podem ter sido produzidas baseadas na VA, assim como as cartas podem ter sido de fato produzidas por Apolônio ou pela tradição independente e anterior a Filóstrato e ser, como o biógrafo cita, parte de sua documentação.

Filóstrato refere-se, na VA, à existência de cartas que Apolônio teria escrito sobre suas conversas com o rei parto Vardanes que não estão na tradição epistolar conhecida atualmente: “Essa é a conversa que Damis afirma que nosso homem manteve. Essa conversa, Apolônio nos deixou em forma de carta, além de ter resumido outras coisas em suas cartas sobre o que ele disse nessas conversas” (VA, I, 32). No entanto, não há, na tradição, nenhuma carta sobre Vardanes, nem para outro destinatário sobre o que Apolônio teria tratado com esse rei parto.

A citação acima mencionada da *VA* mostra que pode haver outras cartas da tradição que não chegaram até nós ou, o que nos parece mais provável, que Filóstrato criou essa informação para dar credibilidade às suas referências sobre Apolônio.

Roshan Abraham (2009, p. 25) acredita que o Apolônio histórico, de fato, escrevia cartas, possibilidade que pode ser real tendo em vista o valor das cartas como forma de comunicação na Antiguidade, mas a autenticidade dessas cartas ou, pelo menos, de algumas delas, não deixa de ser imensamente questionável.

Vemos que o próprio Filóstrato menciona sobre uma carta de Apolônio, falsa, fruto do primeiro encontro entre Apolônio e o imperador romano Domiciano (*VA*, VII, 35). Embora Abraham (2009, p. 28) acredite ser difícil avaliar o valor que as cartas, possivelmente de Apolônio, podem ter, diante da dificuldade em saber a autenticidade das mesmas, com o que concordamos, o testemunho das cartas valerá para nós a partir do momento em que percebemos nele a existência de outra documentação sobre Apolônio capaz de nos ajudar a compreender a construção do Apolônio de Filóstrato, em analogias e contraposições.

Portanto, nosso objetivo neste texto não é buscar pelo Apolônio histórico, embora isso se faça presente em determinados momentos da pesquisa, quando possível, mas compreender a construção de um personagem em uma obra específica, servindo a interesses de seu autor. Buscaremos perceber os contrastes existentes entre esses dois documentos, repensando nosso próprio ofício de historiador, que interpreta a elaboração dos vestígios do passado.

#### A VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA E AS CARTAS DO TIANEU: TESTEMUNHOS EM CONTRASTE

Embora saibamos dos limites diferentes entre vida pública e privada no mundo romano, percebemos que Filóstrato, na *VA*, deixou de citar qualquer carta familiar do tianeu, no caso, as cartas de Apolônio para seu irmão, para um parente, para amigos, para concidadãos de Tiana e para seus alunos. A ausência dessas cartas é, para nós, uma forma de Filóstrato destacar seu biografado em funções de cunho político, característica também ressaltada nos sofistas filostratianos de *Vidas dos sofistas*, em toda obra.

Os destinatários das cartas transmitidas pela tradição como cartas de Apolônio são filósofos, sacerdotes, homens que ocupavam cargos políticos nas cidades do Império Romano, populações de cidades, reis, comerciantes, seu irmão, outro parente cujo vínculo consanguíneo não está especificado, amigos, um general romano e futuro imperador (Tito) e os imperadores Domiciano e Vespasiano.<sup>5</sup> Os destinatários das cartas transmitidas, na VA, são: os mercadores de trigo da cidade grega de Aspendo, o sofista Escopeliano, o sábio indiano Iarcas e os demais sábios brâmanes, o filósofo Musônio, o imperador Vespasiano, o general Tito e o filósofo Demétrio. Podemos perceber que, se tais cartas foram mesmo selecionadas por Filóstrato a partir de uma tradição anterior, o biógrafo selecionou poucas cartas, mas que nos mostram uma visão geral de tipos de pessoas com as quais Apolônio se relacionava (filósofos, sábios indianos, população das cidades, homens públicos e mesmo um imperador e um importante general romano), ressaltando o caráter público do protagonista. Em uma passagem da VA, Filóstrato menciona quem eram os destinatários das cartas de Apolônio e qual o objetivo das mesmas:

Ele manteve correspondência com reis, sofistas, filósofos, eleos, delficos, indianos e egípcios, sobre os deuses, os costumes, os princípios morais e as leis. E em suas cartas ele corrigia aquilo que estava errado (VA, I, 2).

Nota-se que Filóstrato deixou de citar qualquer carta de cunho privado na vida do tianeu, no caso, as cartas ao seu irmão, a um parente, a amigos e a concidadãos de Tiana e mesmo a seus discípulos, já que algumas cartas do *corpus* epistolar de Apolônio são para seus alunos, não mencionadas na VA. Nesse mesmo sentido, nota-se a ausência, na VA, de relatos como o da *Carta 13*, em que Apolônio manifesta o seu desejo de ajudar os familiares de um falecido amigo, cuidando de seus negócios e ajudando a educar seu filho (*Carta 13*). Nas cartas, Apolônio mantém uma relação diferente com a cidade de Selêucia, na Ásia Menor, remetendo a *Carta 12* aos dirigentes dessa cidade, tratando-a também como sua pátria natal e mostrando o desejo desses em tê-lo na cidade. A ligação forte de Apolônio com as cidades da Ásia Menor, como sendo sua região de origem, não é mencionada na VA, e é, ao contrário, negada, quando Filóstrato escreve que Apolônio não tinha sotaque, mesmo sendo dessa região (VA, I, 6).<sup>6</sup>

Também não há, na *VA*, descrições de amizades de Apolônio, apenas a menção de uma fala do tianeu a Domiciano, dizendo que não valorizava o dinheiro, tendo deixado tudo que tinha para seu irmão e amigos (*VA*, VIII, 7, 3). Na *VA*, são valorizados seus contatos com outros sábios e homens que ocupavam cargos públicos. As amizades de Apolônio, contudo, aparecem em muitas cartas da tradição independente, como nas *Cartas 46, 47, 48.1, 48.2, 48.3 e 49*. Também as *Cartas 58.1, 58.2, 58.3, 58.4, 58.5, 58.6 e 58.7*, endereçadas a Valério, provavelmente procônsul da Ásia, têm um tom de aconselhamentos de amigo, juntamente com conselhos sobre governo e administração. Há outras cartas com conselhos morais cujos destinatários podem ser amigos de Apolônio, já que não são filósofos, sábios, reis e nem administradores conhecidos pela historiografia.

Outra característica presente nas cartas do *corpus* epistolar é o contato de Apolônio com Tiana (*Cartas 11.1, 44.1, 47, 49, 48.1, 48.2, 48.3, 49, 53, 55.1, 55.2 e 73*). A *VA* (I, 13). Nelas, menciona-se que Apolônio volta para sua terra natal após a morte de seu pai a fim de sepultá-lo, retornando tempos depois para ajudar seu outro irmão com problemas de bebida em excesso. No entanto, as descrições filostratianas levam-nos a perceber que Apolônio não permaneceu em Tiana por muito tempo. Filóstrato menciona rapidamente que ele, após ter ajudado o irmão, ajudou também outros parentes e já o descreve em voto de silêncio na região da Panfilia e da Cilícia (*VA*, I, 15). O Apolônio da *VA*, segundo as palavras de Damis, dirigidas ao mestre: “– Do mesmo modo que tu, Apolônio, respondeu, fui embora após abandonar os meus, como tu, movido pelo desejo de aprender e investigar o que há em terra estranha” (*VA*, II, 11).

Nas cartas, entretanto, o filósofo chega a mencionar que seus concidadãos pedem que ele volte para Tiana e ele aceita (*Carta 47*), o que não aparece em nenhum momento da *VA*.

Apolônio afirma, na tradição epistolar, que viajou muito, mas sempre viajava pensando em trazer fama e amizades a Tiana. Ele declara também que “cada pessoa sensata deve dar prioridade aos assuntos de sua cidade” (*Carta 11.1*). De maneira diferente, o Apolônio da *VA* é mostrado como alguém que viaja em busca de conhecimentos que serão transmitidos aos gregos:

Apolônio a Iarcas e aos demais sábios, saudações: A mim, que cheguei à vossa presença a pé, me concederam o mar, mas também ao me fazerem participe da sabedoria que possuem, me concederam, assim mesmo, viajar pelo céu. Darei igualmente conta disso aos gregos e os farei partícipes de minhas palavras, como se estivesseis presentes, se é que não bebi inutilmente o de Tântalo. Passai bem, nobres filósofos (Carta de Apolônio ao sábio brãmene Iarcas, citada na VA em III, 51).

O Apolônio da tradição epistolar preocupa-se em aconselhar que seus irmãos tenham filhos, para continuar a reproduzir o corpo de cidadãos de Tiana (*Carta 55.2*) e mostra-se feliz ao receber a carta de um parente, ressaltando a amabilidade pela lembrança do laço consanguíneo entre ambos (*Carta 49*).

Em uma das cartas, no entanto, Apolônio diz que sua cidade ainda não o reconhece como ele acha que deveria e reclama com o irmão sobre isso (*Carta 44.1*), alegando que é justamente por Tiana que ele busca ser um homem distinto. Na *Carta 53*, um grego chamado Cláudio agradece a *Boulé* de Tiana por Apolônio ter visitado a Grécia e ajudado a melhorar sua juventude.

Como podemos analisar, há uma diferença importante entre o Apolônio da VA, um cosmopolita que apenas se preocupa com seu irmão no começo de sua carreira, antes de iniciar suas viagens e o Apolônio das cartas, um cidadão de Tiana que se preocupa com sua cidade natal.

Sobre a pátria de Apolônio, embora Filóstrato mencione que ele nasceu em Tiana e volta quando precisa ajudar seu irmão, sua pátria é toda a terra, como ele nos indica nessa passagem: “Minha é toda a terra e me está permitido viajar por ela toda” (VA, I, 21).

Os vínculos de parentesco do Apolônio da VA não são valorizados. O Apolônio da VA não aparece em retorno para sua cidade natal, ele é um viajante que não dedica atenção especial a sua cidade de origem, a preocupação com sua pátria apenas é mencionada na VA quando Apolônio comenta com o rei indiano que sua viagem se estendeu demais e os de sua pátria podem pensar que os desconsidera (VA, III, 33). No entanto, Tiana não é mencionada nas discussões de Apolônio com esse rei, e, pelo contrário, nessas discussões Apolônio defende Atenas e os gregos como um todo. As preocupações do Apolônio na VA estão voltadas para a busca do conhecimento, para

os contatos com os diferentes povos nas regiões por onde passa, para a busca de harmonia entre as cidades gregas e para o aconselhamento sobre a melhor forma de governo dado aos imperadores e aos governantes em geral.

Assim, o Apolônio das cartas, em certa medida, tem uma relação com o mundo ainda com perspectiva local e, mesmo quando menciona estar longe de Tiana, mostra-se preocupado com sua cidade (*Carta 73*). Pelo contrário, o Apolônio de Filóstrato volta-se para o cosmopolitanismo, para o universal e posiciona-se como um grego dentro do Império Romano e fora dele, capaz de resolver problemas internos da administração romana e circular por regiões fora dela (Império Parto, Índia e terra dos gimnosofistas).<sup>7</sup>

O Apolônio das cartas esteve em Cesareia (*Carta 11.2*), em Selêucia (*Cartas 12 e 13*), na região grega do Peloponeso (*Carta 24*) e em Sardes (*Cartas 30, 38, 40, 41, 56, 75, 75a e 76*), pois há muitos conselhos aos habitantes desta última cidade; talvez também tenha estado em Esparta (*Cartas 42a, 63 e 64*), Éfeso (*Cartas 65 e 66*), Mileto (*Carta 68*), Trales (*Carta 69*), Sais (*Carta 70*) e outras cidades da região da Jônia (*Carta 71*). São essas as cidades e as pessoas das mesmas que aparecem nas relações do Apolônio das cartas. Na *Carta 34*, há ainda uma referência de Apolônio a suas viagens pela região de cultura grega: Argos, Fócis, Locris, Sicione e Mégara.

As cartas de Apolônio que mostram sua relação com a Índia estão integralmente na *VA*, *Cartas 77b e 77c*, podendo ser criações de Filóstrato incorporadas posteriormente à tradição. Não está, na *VA*, a *Carta 78* aos brâmanes indianos cujo tema é o conhecimento adquirido com esses sábios, no entanto, todo o conteúdo da carta pode ser lido no livro III da obra de Filóstrato. Também não há, na tradição epistolar paralela à *VA*, menções à estadia de Apolônio na região da Mesopotâmia e suas relações com o rei parto Vardanes.

O Apolônio das cartas também mostra ter recebido certa rejeição das cidades da Península Itálica (*Carta 14*), que não chegou a visitar. Mas o Apolônio de Filóstrato visita Roma mais de uma vez (livro IV e livro VIII), visita Dicearquia (livro VIII) e tem a Península Itálica também como local de destino, no livro VI.<sup>8</sup> Tais passagens podem ser de fato criadas por Filóstrato, que não poderia, para nós, deixar de ver o protagonista da *VA* passando pela capital do Império, se seus objetivos são, segundo uma de nossas hipóteses, mostrar um

personagem capaz de circular de forma positiva por todo o Império Romano e também fora dele.

Também não há menção alguma, nas cartas da tradição, sobre a estada de Apolônio em Gades (Hispania Bética), nem sobre sua estada junto aos gimnosofistas etíopes.

Diante das considerações feitas, podemos supor que grande parte das viagens de Apolônio são criações de Filóstrato, já que o Apolônio das cartas é muito diferente em termos de viagens do Apolônio da *VA*.

As cartas de Apolônio da tradição são referidas como escritas em grego. Filóstrato menciona (*VA*, VII, 35) que nunca encontrou uma carta do seu biografado em jônio, embora tenha ouvido rumores de ele ter escrito também nessa língua e, mesmo, haver uma carta considerada de Apolônio escrita em jônio, que ele acredita ser falsa. A possibilidade de Apolônio ter escrito em uma linguagem de sua região de origem é real, pois, como mostra Maud Gleason (2006, p. 229), no início do Principado, ainda se mantinham línguas locais na Capadócia. No entanto, a valorização da cultura grega, que é a cultura do próprio biógrafo, é algo marcante na *VA* e, nesse sentido, Filóstrato pode ter rejeitado que seu protagonista escrevesse em outra língua ou dialeto.<sup>9</sup> A valorização da cultura grega também é algo encontrado nas cartas da tradição independente, mas de forma diferente. Nas cartas, Apolônio é apresentado como grego:

Para Eufrates: Será que tu, também, me indiciarias? Se fosses honrado o suficiente para fazê-lo. Poderias fazer desta banalização, encargos fáceis: “Apolônio evita todos os estabelecimentos de banho.” Sim, e ele nunca sai de sua casa, e mantém seus pés seguros. “Nunca o vês mover qualquer parte de seu corpo.” Sim, porque ele guarda a sua alma em constante movimento. “Ele usa seu longo cabelo.” E assim fizeram os gregos, porque ele era grego e não um bárbaro. “Ele usa roupas de linho.” Sim, e estas são as mais puras coisas sagradas também. “Ele pratica adivinhação.” Sim, porque muitas coisas são obscuras, e de outra forma é impossível enxergar o futuro. “Mas essa atividade não é correta para um filósofo”. O que é certo para o deus? (*Carta 8.1*).

Os argumentos acima expostos também estão na *VA*, mas desenvolvidos com mais ênfase, como nas diversas contraposições de Apolônio entre gregos e bárbaros e ele, sendo considerado grego

por sua cultura (VA, I, 16; II, 37; III, 23; V, 4, 9; VI, 20; VIII, 10), na apresentação do sátrapa indiano que diz ao rei Vardanes que Apolônio era um homem grego e divino (VA, II, 17), em outros momentos em que ele também é apresentado como grego e sábio (VA, I, 28, 29, III, 28) e em sua valorização entre os indianos por ser um filósofo grego (VA, III). Apolônio valoriza tudo quanto é grego, mas, mais especificamente, o que é ático, como o linho que oferece ao rei indiano Fraotes (VA, II, 40):

O indiano lhe dava ouro, pedras preciosas, vestidos de linho e milhares de coisas do gênero. Apolônio disse que tinha bastante ouro, pois Vardanes havia dado, escondido dele, ao guia, mas que tomaria os vestidos de linho, porque se pareciam com o manto filosófico dos antigos e eram genuinamente áticos.

Diante dessas considerações, concordamos com uma observação de Flinterman (1995, p. 94-96 e p. 232), para quem, ser grego, na tradição de cartas, estava ligado a um estilo de vida e a uma ética, enquanto na VA, ser grego era ter recebido a *paideia* das elites e ter, nesse sentido, uma grande familiaridade com a tradição literária grega e com a ideia de pureza linguística.<sup>10</sup> Novamente, vemos parte da projeção do autor, um renomado sofista grego que recebeu a *paideia* e infundiu-a como modelo de cultura em seu protagonista.

A língua de Apolônio é puramente ática, sem sotaque, conforme mostra Filóstrato: “Sua língua era o ático e isso não se alterava devido a um sotaque por causa de sua região de origem” (VA, I, 7). Gleason (2006, p. 244) informa que o ponto chave da educação da elite grega era a eloquência no dialeto arcaizante ático grego. Portanto, o Apolônio de Filóstrato é mostrado como aquele que fala a linguagem ideal para Filóstrato e, para os sofistas da Segunda Sofística, é a projeção do modelo perfeito do escritor.<sup>11</sup>

Há ainda duas valorizações de Atenas na VA. A primeira é quando Filóstrato dá a voz ao rei indiano para dizer que não se relaciona bem com os gregos e menospreza os atenienses, chamando-os de “escravos de Xerxes” (VA, III, 31). Apolônio prontamente se levanta para defender os atenienses e convence o rei do valor dos gregos. Outra passagem em que Atenas é valorizada perante a Grécia está nos elogios de Apolônio à cidade de Gades, chamada de Gadeira, por a cidade educar seus cidadãos ao molde dos atenienses (VA, V, 4).

Algo muito interessante pode ser percebido nas passagens acima da VA, Apolônio não é simplesmente grego como mostram as cartas, mas é um grego ático como Filóstrato, mesmo sendo da Capadócia e não de Atenas. Ele recebeu a *paideia* típica dos aristocratas gregos e, assim como nosso sofista, estudou retórica (VA, I, 7). Apolônio também é comparado pelos partos ao general Temistócles, o ateniense (VA, I, 29). Temistócles manteve amizade com o rei parto Artaxerxes no séc. V a.C. Aqui Filóstrato faz, como podemos interpretar, uma comparação entre a relação que aquele ateniense teve com o antigo rei parto e a que Apolônio iniciará com o atual rei parto, Vardanes.

É interessante notar que essa representação de Apolônio como grego e especialmente como ático vai ao encontro da afirmação de Gleason (2006, p. 228) que nos mostra que os gregos rendiam lealdade primeiramente a sua cidade e depois à Grécia como um todo. Por isso também, vemos a projeção de Filóstrato, um ateniense, no protagonista de sua obra.

Sobre a lealdade dos intelectuais gregos do Império à sua cidade, María José Hidalgo de la Vega (2002, p. 83) também comenta que “muitas referências literárias e, sobretudo, epigráficas foram conservadas mostrando a importância desse vínculo afetivo e político com a cidade de nascimento. As lápides sepulcrais são um bom exemplo desse profundo sentimento patriótico.” O que podemos perceber é que, como mencionamos, Filóstrato não ressalta a relação de Apolônio com Tiana, mas sim sua característica enquanto ático e suas ligações com Atenas, ressaltando, nesse caso, sua própria pátria e não a do biografado.

Diferente do Apolônio ático e defensor de Atenas da VA, o Apolônio da tradição epistolar tece duras críticas a essa cidade, como podemos ler nessa carta:

Para o povo de Sais: Vós sois descendentes dos atenienses, como Platão o disse no *Timeu*. Eles, porém, baniram da Ática a deusa que compartilham convosco, a que vós chamais Neith e eles Atena, e assim eles já não permanecem gregos, e vou explicar o que quero dizer com “não permanecem”. Não há ancião sábio em Atenas, absolutamente ninguém tem uma barba espessa, uma vez que ninguém tem barba. O adulator fica ao lado dos portões, o informante em frente dos portões, o cafetão antes das Longas Murallas, o aproveitador antes de Munychia e do Pireu. A deusa nem sequer mora em Sounio (*Carta 70*).

Ele se apresenta como grego nas cartas, mas nega, dessa forma, uma identidade ática:

Para os Efésios, no Santuário de Artêmis: Alguém, grego por natureza, veio da Grécia, e não um ateniense ou alguém de Mégara, mas alguém com um nome melhor, planejando residir com a sua deusa. Dai-me um lugar onde eu não precise de purificação, mesmo que eu fique sempre em casa (*Carta 66*).

Na VA (IV, 22), Filóstrato menciona que há uma carta da tradição em que Apolônio comenta que a deusa não está mais em Atenas, mas ameniza a crítica de Apolônio à sua pátria, alegando que essa crítica é feita aos combates de gladiadores, ou seja, a um costume da cultura romana e não propriamente ateniense. Além disso, Filóstrato não menciona a dura crítica da carta de que os atenienses não são mais gregos.

O Apolônio da VA é bem recebido em Atenas, onde “acolham-no afetuosamente” (VA, IV, 17). E os mais distintos dos atenienses vão ao seu encontro, juntamente com gregos de outras cidades, ao descobrirem que ele não havia sido morto após acusações de Domiciano (VA, VIII, 15). Em contraposição dessas informações da VA, o Apolônio das cartas é rejeitado pelos atenienses:

Para os éforos e lacedemônios: Muitas vezes vós me convocastes para ajudar a vossa legislação e vossa juventude, enquanto a cidade de Sólon [referindo-se à Atenas, *grifo nosso*] não faz isso. Veneram a Licurgo (*Carta 64*).

Portanto, a característica de Apolônio como um grego ático, para nós, é uma criação de Filóstrato não encontrada nas cartas e mostra claramente uma projeção ateniense do autor e de seus sofistas no protagonista da obra. Além disso, o próprio Filóstrato menciona (VA, VII, 35), como já referimos, uma carta de Apolônio escrita em jônio, considerada falsa e rejeitada pelo sofista. Assim, Filóstrato caracteriza seu Apolônio como ático e exclui referências sobre ele que não o relacionem com o grego ático, selecionando, mais uma vez, o que dizer sobre o biografado. Filóstrato também o menciona como adorado em Atenas, diferentemente do que a tradição de cartas mostra.

Além das críticas a Atenas, há uma crítica mais contrastante

com a *VA* nas cartas, que diz respeito aos sofistas, ocupação de Filóstrato, e professores de literatura:

Para Eufrates: Sinto amizade para com os filósofos, mas para sofistas, professores de literatura ou qualquer outro tipo de pessoa como essas, não sinto amizade agora, nem posso sentir futuramente. Ora, tudo isso não se destina a ti, a menos que sejas uma dessas pessoas, mas basta o seguinte: controlar as tuas emoções, tentar ser um filósofo e não a te ressentires com filósofos reais, uma vez que a velhice e a morte já estão perto de ti (*Carta 1*).

Observamos que, diferentemente do que pode ser lido na carta que acabamos de citar, o Apolônio filostratiano não é contrário aos sofistas, ele é contrário apenas aos exageros retóricos (*VA*, v, 40). Ele aconselha um jovem a estudar a arte de falar bem, a ter uma boa pronúncia em grego e diz que, para isso, há uma solução:

O remédio não consiste, entretanto, em algo muito especial, pois em todas as cidades há uma classe de homens que ainda não conheces, chamados professores. E lhes dando uma pequena parte de teus bens obterás, com toda a segurança, ganhos maiores, pois te ensinarão a arte forense, uma arte fácil de adquirir. Pois se eu tivesse te conhecido ainda menino, ter-te-ia aconselhado a frequentares as portas de filósofos e sofistas a fim de engrandeceres com sua sabedoria (*VA*, VI, 36).

Em relação à Grécia de maneira mais ampla, há uma defesa da mesma nas cartas endereçadas ao imperador Vespasiano (*Cartas 42f, 42g, 42h*), cartas essas citadas integralmente na *VA*. Se essas cartas endereçadas a Vespasiano não foram de fato criadas por Filóstrato e incorporadas mais tarde à tradição como de autoria de Apolônio, então podemos perceber como o biógrafo selecionou o que queria ressaltar sobre a imagem do biografado na tradição já existente sobre ele: a importância da Grécia e de Apolônio como grego perante um imperador romano. No entanto, essas cartas podem ser criações de Filóstrato, o que não nega nossa ideia de que o autor valorize nelas os gregos perante um imperador. Devemos ressaltar que a *Carta 42f*, de Apolônio, citada integralmente na *VA* (v, 41), tem um tom muito parecido com a *Carta 72*, de autoria do próprio Filóstrato, que também nos legou um *corpus* epistolar, o que nos faz refletir mais sobre a

possibilidade de essas cartas serem criações filostratianas. Portanto, frente ao imperador romano, Filóstrato valoriza a Grécia de maneira geral, enquanto em outras situações, ele situa Apolônio como ático e não como jônio.

Igualmente nas cartas, Apolônio menciona sempre gregos em oposição aos “bárbaros” (*Carta 8.1, Carta 34, Carta 67*), assim como na *VA* (I, 16; I, 19; I, 24; II, 5; II, 37; VI, 20; VIII, 7, 15; VIII, 10).

O Apolônio que critica práticas gregas de seu tempo aparece na *VA* (I, 16; IV, 5, 21, 22, 23, 27, 31). Na *Carta 32*, há uma crítica aos cidadãos de Éfeso, que se preocupam demasiadamente com o embelezamento da cidade. Há ainda uma crítica aos costumes espartanos que está na *VA* (IV, 27) e na *Carta 63*. A existência da *Carta 63*, inclusive, é citada na *VA*. Também há uma crítica às práticas religiosas atuais da cidade de Atenas (*Carta 70*) e uma crítica aos jônios por usarem nomes latinos (*Carta 71*), a qual também aparece na *VA* (V, 5). No entanto, as referências ao passado grego clássico estão, como já observou Flinterman (1995, p. 100), especialmente presentes no texto de Filóstrato, com o que concordamos: “Os atributos do protagonista da *VA* têm um considerável peso da bagagem cultural e literária de Filóstrato, cuja autoconsciência grega tem importância fundamental.”

Outro aspecto diferente do que nos é apresentado na *VA*, já observado por Flinterman (1995, p. 72), é a relação de Apolônio com o título de mago – ἰῦᾷῖð – *magos*. Apolônio aceita bem o título nas Cartas (*Carta 16* e *Carta 17*), apresentando-se como um mago (ἰῦᾷῖð) e filósofo pitagórico (öéëüóíöíð ððèàáῖñéëüð – *philosofospithagorikos*).

Para Eufrates: Julgas que devem ser chamado de filósofos os que seguem Pitágoras, e da mesma forma, sem dúvida, aqueles que seguem a Orfeu. Mas eu penso que mesmo aqueles que seguem a Zeus devem ser chamados magos, se pretendem ser piedosos e honrados (*Carta 16*).

Para Eufrates: Os persas chamam os homens piedosos de magos, de modo que aquele que adora os deuses ou tem uma natureza divina é um mago. Mas tu não és um mago, e sim um incrédulo (*Carta 17*).

No entanto, embora no início da *VA* Filóstrato mostre que

Apolônio teve relações com os magos (ἰŰãĩéò – *magoi*) da Babilônia, o biógrafo ressalta o caráter de sabedoria do biografado e seu estatuto enquanto homem divino (ἐὰŦĩòĩƦñ – *theiosaner*), negando-lhe o título de mago e também a ligação de filósofos como Empédocles, Pitágoras, Demócrito e Platão com esse tipo de arte.

A Apolônio, no entanto, ainda que se ocupasse de práticas semelhantes a estas e se aproximasse da sabedoria de maneira mais divina que Pitágoras por sua negação às tiranias, e apesar de ter nascido em tempos nem tão antigos, nem tão recentes, os homens ainda não o conhecem por sua sabedoria, que praticava de maneira filosófica e verdadeira. Mas, ao invés disso, alguns falavam dele por uma coisa, outros por outra, outros ainda por ter relações com os magos da Babilônia, os brâmanes da Índia e os gimnosofistas do Egito, o consideram um mago ou o caluniam como um intruso entre os sábios, por lhe conhecerem mal. Porque Empédocles, o próprio Pitágoras e Demócrito, que conviveram com os magos e disseram muitas verdades sobrenaturais, nunca se sentiram atraídos por esta arte. E Platão, que foi ao Egito e que misturou muitas coisas de profetas e sacerdotes deste lugar com suas próprias teorias e que, como um pintor, deu cores ao que já tinha esquematizado, jamais foi tomado por um mago, mesmo quando lhe invejaram mais que nenhum outro por sua sabedoria. Assim, tampouco o feito de ter pressentido e previsto muitas coisas poderia incluir Apolônio neste tipo de sabedoria [...] (VA, I, 2).

Vemos que o caráter divino de Apolônio aparece nas cartas (*Cartas 44.1 e 48.3*), mas com certa modéstia por parte de Apolônio em se apresentar assim.

Para Hestiaeio, seu irmão: Por que é surpreendente que a maioria da humanidade pensa que estou mais perto de um deus, e alguns pensam que sou um verdadeiro deus e até agora somente minha cidade ancestral falhava em me reconhecer, quando é para ela que eu particularmente tenho esforçado para me distinguir? Não, porque nem a vós, meus irmãos, então eu vejo, é que é claro que eu me tornei superior à maioria das pessoas em princípios e caráter. Caso contrário, como poderíeis me condenar de forma tão severa a ponto de supor que eu precisava lembrar de todos os assuntos [sic], sobre os quais nem mesmo o maior tolo poderia suportar sendo instruído? Isto é, sobre a própria cidade e irmãos (*Carta 44.1*).

Para Diotimo: Pessoas boas, no entanto, aceitam a versão

verdadeira, tendo uma afinidade com ela, mas as más aceitam o contrário, e podemos rir de seu desprezo, quero dizer de sua inferioridade. Eu deveria mencionar somente isso sobre mim por hora, que os deuses têm muitas vezes falado de mim como um homem divino não apenas aos indivíduos, em particular e em muitas ocasiões, mas publicamente também. Seria uma pena dizer algo mais profundo ou elevado sobre si mesmo. Eu oro por tua boa saúde (*Carta 48.3*).

O caráter divino de Apolônio também aparece na *VA*, quando Filóstrato ressalta seu biografado com tal característica por ser um sábio superior aos demais, sendo esse elemento expresso pelo próprio autor/narrador ou pelas falas de personagens da obra.<sup>12</sup>

Por conseguinte, parece-me que não devo ver com indiferença a ignorância das pessoas, mas dar uma visão exata desse homem nos momentos nos quais falou ou fez cada coisa e as particularidades de sua sabedoria pelas quais foi considerado sobrenatural e divino (*VA, I, 2*).<sup>13</sup>

– Ele é, respondeu, divino Apolônio (*VA, I, 21*).<sup>14</sup>

Também escreveu a seu rei, para que não fosse inferior a Vardanes a respeito de um homem grego e divino (*VA, II, 17*).<sup>15</sup>

[...] ainda que seja o mais divino entre os homens (*VA, II, 29*).<sup>16</sup>

Além disso, mandarei uma carta a Iarcas, o mais velho dos sábios, para que não acolha Apolônio como a alguém inferior a ele mesmo e a vós, como a filósofos e acompanhantes de um homem divino (*VA, II, 41*).<sup>17</sup>

– Eu penso, respondeu, que és o mais sábio e muito mais divino. (*VA, III, 16*).<sup>18</sup>

[...] e há aqueles que jogaram pedras em cima dele e o injuriaram terrivelmente, a um homem divino e bom (*VA, III, 25*).

– Proponho-te um brinde, rei, por um homem grego, indicando Apolônio, que estava reclinado abaixo dele e denotando com um gesto de sua mão que era nobre e divino (*VA, III, 28*).<sup>19</sup>

Que conhecia de antemão essas coisas por impulso divino e que não eram corretos os que consideravam nosso homem um feiticeiro [...] (*VA, V, 12*).

Então dei-me conta pela primeira vez de que era divino e superior à sabedoria comum e corrente [...] (VA, VIII, 13).<sup>20</sup>

– Ouvi falar de ti, Apolônio, que és sábio em assuntos divinos (VA, VIII, 23).<sup>21</sup>

Além dessas passagens que mencionam o caráter divino de Apolônio, em outras passagens da VA, seus poderes, enquanto tal, são descritos, como quando ele consegue ressuscitar uma jovem (VA, IV, 45), sua capacidade de cura (VA, VI, 43), sua capacidade de livrar Éfeso de uma praga (VA, IV, 10), seu poder de exorcismo (VA, IV, 20), sua capacidade de descobrir um tesouro escondido (VA, VI, 39), quando ele livra sua perna das correntes que o prendiam (VA, VII, 38), desaparece em Roma e aparece em Dicearquia (VA, VII, 41) e tem uma visão do momento exato da morte de Domiciano (VA, VIII, 26).

Portanto, o Apolônio das cartas não se incomoda com o título de mago, embora mostre também seu caráter divino. Já o Apolônio de Filóstrato não possui o caráter de mago, em uma tentativa de livrá-lo de qualquer confusão que a magia poderia ter nesse período, por haver certa ambiguidade entre o que seria uma magia considerada positiva de uma prática considerada maléfica, a *goeteia*.<sup>22</sup> O Apolônio da VA é um homem muito sábio, cuja sabedoria é tão grande que o eleva ao caráter de divino, que é exaltado em várias passagens.

Ainda analisando as diferenças entre o Apolônio das cartas e o da biografia, Flinterman (1995, p. 73) observa que não há aprofundamento na relação hostil entre Apolônio e o filósofo estoico Eufrates na VA.<sup>23</sup> Mas, embora essa inimizade seja tratada em diversas passagens da biografia (VA, V, 39; VII, 9, 16), Filóstrato não tece nenhum comentário sobre a conspiração dos estoicos para matar Apolônio, mencionada em várias cartas (*Cartas 36, 60 e 77*). Para nós, essa seleção de informação do escritor, busca não causar nenhum tipo de impressão negativa do leitor em relação ao protagonista, excluindo, assim, uma leitura que pudesse denegri-lo perante, especialmente, simpatizantes do estoicismo.

Outro ponto de discordância, na imagem de Apolônio nas cartas e na VA, estaria, conforme já observou Flinterman (1995, p. 96), no fato de o tianeu parar de discursar publicamente em determinado momento de sua vida, conforme as *Cartas 10 e 34*, o que não acontece na VA.

Para Dião de Prusa: Algumas pessoas consideram a razão pela qual eu parei de falar diante de grandes plateias. Bem, eis aqui a resposta para aqueles que se importam de saber uma coisa dessas. Todo argumento é incapaz de ajudar, a menos que seja singular e dirigido a uma única pessoa. Portanto, aqueles que discursam de qualquer outra forma provavelmente o fazem por desejo de fama (*Carta 10*).

Para os sábios no Museu: Visitei Argos, Fócis, Locris, Sícion e Mégara, e embora eu costumasse discursar antigamente, parei de fazer isso lá. Qual é a razão, alguém pode perguntar? Posso dizer eles e às Musas: Tornei-me um bárbaro, não por longa ausência da Grécia, mas por longa presença na Grécia (*Carta 34*).

Na *VA*, Filóstrato apresenta-nos o voto de silêncio que Apolônio faz por cinco anos, logo no início de suas viagens (*VA*, I, 15), mas ele nunca para de discursar em público. Mesmo pouco tempo antes de seu desaparecimento, já no final do último livro da biografia, Apolônio mostra-se em discussões nas cidades gregas:

Tendo, durante quarenta dias, mantido discussões em Olímpia e se ocupado em profundidade de muitos temas, disse: – Por várias cidades discursarei diante de vós, gregos, em procissões, em mistérios, em sacrifícios, em libações – pois necessitais de um homem instruído, mas agora é importante que eu vá até Lebadea, pois ainda não vi Trofônio, ainda que tenha visitado seu santuário (*VA*, VIII, 19).

Também é importante analisarmos a obra de Filóstrato, em contraste com as cartas da tradição, sobre o papel de Apolônio enquanto ordenador de cidades gregas e intermediador de conflitos. Filóstrato escreve que ele mandava cartas consertando aquilo que estava errado (*VA*, IV, 1) e demonstra-o no papel de ordenador de costumes de cidades e de conflitos em diversas situações (*VA*, I, 15; IV, 4, 8; V, 20, 26; VI, 38, VIII, 7.7). No entanto, apenas nas *Cartas 56 e 75*, há menções metafóricas de Apolônio sobre conflitos na cidade de Sardes, cidade não mencionada na *VA*, assim como nessas duas cartas. Nessas, ele comenta aos próprios habitantes de Sardes o problema de eles manterem conflitos internos. Também na *Carta 77a*, que está integralmente na *VA*, Apolônio dá conselhos aos mercadores de trigo que deixavam a população da cidade de Aspendo passando

fome. Portanto, embora as cartas indiquem, de certa forma, esse papel de Apolônio, parece-nos que, na VA, ele aparece enfatizado. E, como bem observou Dzielska (1986, p. 54), na VA, Apolônio aparece como sendo convidado pelas cidades para servir como conselheiro de diversos assuntos e, acrescentamos, intermediar conflitos (IV, 6, 33; VIII, 23), tipo de convite que não aparece na tradição epistolar.

Outra característica interessante a ser analisada é a maneira como Apolônio se relaciona com o poder romano. Nas cartas, Apolônio aconselha Domiciano a evitar os “bárbaros”, pois, para eles, seria um benefício receberem o governo dos romanos e não o contrário: “Para Domiciano: debes evitar os bárbaros e não governá-los, uma vez que os bárbaros são como eles são, não é certo que eles devam receber um benefício” (*Carta 21*).

Um comentário semelhante é feito por Apolônio na VA, aconselhando Domiciano, não em forma de carta, mas defendendo-se perante esse imperador da acusação de praticante de magia: “Não devemos levar a sério os bárbaros, nem os considerarmos como sensatos por serem nossos maiores inimigos e incapazes de estarem em paz com nossa estirpe” (VA, VIII, 7.8).

A semelhança de conteúdo da *Carta 21* e da passagem supracitada leva-nos a duas hipóteses: ou Filóstrato utilizou-se, de fato, dessa carta, escrita antes da VA, e transcreveu-a como conselho dado pessoalmente por Apolônio a Domiciano, ou essa carta foi escrita posteriormente à VA, aproveitando-se das criações filostratianas sobre Apolônio. Infelizmente, não podemos, com certeza, optar por uma dessas afirmativas dispondo apenas do material documental que chegou até nossa atualidade.

Como descrito na VA (IV, 33; V, 10; VII, 4, 5), Apolônio aconselha, em suas cartas, administradores romanos e governantes das cidades gregas sobre questões administrativas (*Cartas 20, 21, 30, 31, 42a, 42f, 42g, 42h, 54*):

Para Domiciano: Se tens poder, como de fato tens, talvez devesse também adquirir previsão. Para veres, se tens visão, mas não o poder, precisarias do poder mesmo assim. Para cada um desses sempre precisa do outro, assim como a visão precisa de luz e luz precisa da visão (*Carta 20*).

Para os questores romanos: Estais ocupando o primeiro cargo.

Ora, se sabeis como ocupar os cargos, como é que graças a vós as cidades estão em situação pior do que nunca? Mas se não sabeis, deveríeis ter aprendido antes a função para poderdes realizá-la mais tarde (*Carta 30*).

Para os procuradores da Ásia: Por ventura as árvores silvestres estão causando danos por seu crescimento, para cortardes seus galhos e deixardes suas raízes? (*Carta 31*).

Para os éforos: É a marca dos verdadeiros homens não errar, e dos nobres perceberem seus erros (*Carta 42a*).

Para Vespasiano: Apolônio saúda o imperador Vespasiano. Disseram-me que haveis escravizado a Grécia. Julgas que possuis mais do que Xerxes tinha, mas sem perceber que possuis menos que Nero. Nero tinha ambos e recusou. Adeus (*Carta 42f*).

Para o mesmo: Se pensais tão mal dos gregos para torná-los escravos, quando eles são livres, porque precisais de minha presença? Adeus (*Carta 42g*).

Para o mesmo: Nero libertou os gregos no jogo, mas vós os escravizastes seriamente. Adeus (*Carta 42h*).

Apolônio aos procuradores romanos: Alguns de vós fazeis a supervisão dos portos, edifícios, cercas e passarelas, mas as crianças nas cidades, os jovens e as mulheres, não são objeto de qualquer preocupação por parte de vós ou para vossas leis. Seria bom ser governado (*Carta 54*).

No entanto, podemos perceber que a administração dos romanos aparece de maneira negativa nas cartas, como fica claro nas *Cartas 30 e 54*. Na *VA*, Apolônio aparece criticando certos costumes da cultura romana adotados pelos gregos (I, 16; IV, 5; IV, 22), que também estão nas cartas (*Cartas 70, 71 e 72*), tais costumes seriam o hábito dos banhos, a adoção de nomes latinos e os combates de gladiadores. Entretanto, o poder atribuído ao Império de Roma tem imagem positiva no texto filostratiano, como no trecho em que o autor, ao criticar a tirania de Nero, compara-o a uma fera que habita o coração das cidades, ou seja, Roma é o centro das cidades, é seu coração, sua parte vital (*VA*, IV, 30). Bowie (1978, p. 1682) acredita que na *Carta 14*, na qual Apolônio diz nunca ter sido convidado para ir à Itália, ao contrário de seu inimigo Eufrates, ele está criticando o

inimigo por servir ao poder de Roma. Talvez essa interpretação possa ser feita tendo em vista a negação de Apolônio ao poder dos romanos nas *Cartas 30 e 54*, supracitadas, no entanto, a crítica de Filóstrato ao inimigo Eufrates, de ser a favor dos romanos, não nos parece em consonância nessa epístola.

Além disso, todas as cartas da tradição em que Apolônio se relaciona com imperadores romanos estão integralmente na *VA* (*Cartas 42f, 42g, 42h*), o que nos poderia levar a supor que essa relação pode ser uma criação filostratiana, já que não encontra correspondente em uma tradição paralela, que chegou até nós, sobre o controverso tianeu.

Como todas as cartas para imperadores romanos da tradição estão repetidas na *VA*, a historiadora Maria Dzielska (1986, p. 40) afirma que as mesmas podem ter sido inventadas por Filóstrato e ter entrado posteriormente na tradição epistolar em torno de Apolônio. A historiadora acredita também que nosso sofista criou a relação de Apolônio com esses imperadores deliberadamente. Flinterman (1995, p. 236) supõe que é quase certo que, ao tratar sobre o reinado de Nero e a dinastia dos Flávios na *VA*, Filóstrato usou biografias do período e outros textos históricos, produzindo um resultado respeitável em relação às atividades de Apolônio nesses contextos, e devemos duvidar que os contatos entre Apolônio de Tiana e os imperadores já existissem antes da *VA*, sendo que as cartas que caracterizam essa relação podem ter entrado na tradição por meio do texto filostratiano.

Dzielska (1986, p. 42) também duvida das relações, mostradas na *VA*, entre Apolônio e personagens famosos e conhecidos atualmente, que são os sofistas Escopeliano (I, 23) e Dião de Prusa (V, 31) e os filósofos Demétrio (IV, 5) e Musônio Rufo (IV, 35). Dião e Escopeliano, como observamos, são biografados na *VS* por Filóstrato (I, 487; I, 514), sendo, portanto, personagens bem conhecidos por nosso sofista e parte de seu próprio meio cultural. Filóstrato menciona que Dião de Prusa se relacionou com Apolônio também na *VS* (I, 488). A única coisa que temos como certa é que Apolônio não aparece nas obras de Dião que chegaram até nós. Também temos certeza, como observa Dzielska, de que as cartas de Apolônio para personagens famosos e conhecidos atualmente ou, pelo menos, seu conteúdo estão na *VA*, o que leva esta estudiosa a refletir sobre a

forte possibilidade de o Apolônio histórico não se ter relacionado com nenhuma dessas pessoas, sendo tais relações fruto das criações de Filóstrato.<sup>24</sup>

Já sobre a relação de Apolônio de Tiana e Eufrates, filósofo inimigo de Apolônio, que é o principal destinatário de suas cartas (*Cartas 1-8.1, 14-18, 50-52, 60, 82 e 94*), Bowie (1978, p. 1676-1677) supõe que a mesma possa não ser uma criação de Filóstrato, já aparecendo, provavelmente, no texto de outro autor, Moeragenes, sobre Apolônio, que, conforme deduções a partir da maneira como Filóstrato o menciona na *VA* (I, 3), trazia uma imagem negativa de Apolônio, devendo, por isso, frisar as rivalidades do tianeu. Dzielska (1986, 44-48) acredita na possibilidade de o Apolônio histórico se ter de fato relacionado com esse personagem e a rivalidade entre ambos ter acontecido pela diferença das correntes filosóficas que eles seguiam.

Na busca de interpretações sobre a relação do Apolônio das cartas com o Apolônio filostratiano, sabemos, conforme Arnaldo Momigliano (1986, p. 123), que o uso de cartas em biografias foi comum nas obras do biógrafo e historiador romano Cornélio Nepote (100 – 25 a.C.), por exemplo. Momigliano conclui que algumas das cartas citadas por Cornélio como de autoria de Cornélia, mãe de Caio Graco, na biografia dele, podem ser invenções desse biógrafo.<sup>25</sup> Sabendo que a invenção de cartas era comum em biografias da Antiguidade, podemos supor que algumas cartas da tradição que estão na *VA* foram criadas por Filóstrato e incorporadas posteriormente à tradição de cartas de Apolônio. Dessa forma, Filóstrato também ajudou a criar uma imagem do Apolônio que temos nas cartas e, nesse sentido, comparar tais documentos não seria método nem um pouco seguro para se chegar a um Apolônio além da biografia de Filóstrato. Mas, como resolver isso? Como responder sobre as características de Apolônio que temos em comum na biografia e nas cartas diante das necessidades de nossa pesquisa?

Sobre os pontos em comum entre o Apolônio das cartas e o da *VA*, acreditamos que a identificação dessas características nos podem indicar duas hipóteses possíveis. A primeira seria que as cartas sejam realmente fruto de uma tradição posterior à *VA*, e, por isso, trazem elementos criados por Filóstrato, já presentes em seu texto. Se essa hipótese pudesse ser demonstrada, resolveríamos nossos problemas,

afirmando que Apolônio é mesmo uma criação filostratiana. Porém, não podemos chegar a uma conclusão sobre isso.

A segunda hipótese seria que as cartas trazem de fato uma visão de mundo de Apolônio ou que a tradição paralela a Filóstrato, em torno desse personagem, criou sobre ele, visão essa que Filóstrato buscou reproduzir em partes, selecionando o que usaria da tradição e o que descartaria ou mudaria, sendo que talvez alguns elementos da *VA* foram também incorporados a essa tradição de cartas escritas depois do trabalho de Filóstrato e adicionadas a outras já existentes. Ou seja: a tradição de cartas mostra características de Apolônio além do que está na biografia de Filóstrato e mostra também criações de Filóstrato sobre Apolônio em cartas criadas pelo biógrafo e aceitas, mais tarde, pela tradição como de autoria do tianeu.

Talvez essa segunda hipótese seja a mais segura, pois, de fato, existem testemunhos sobre Apolônio além de Filóstrato, e a própria análise das cartas mostra que há certas diferenças entre as duas tradições.

Diante de mais perguntas do que respostas, no entanto, estamos certos de que, se há informações nas cartas que coincidem com pontos da biografia, por uma tradição paralela e anterior à criação filostratiana, Filóstrato somente reproduziu tais ideias na obra, porque concordava com elas. Inclusive, a identificação entre biógrafo e biografado pode ter sido o que levou à escolha desse personagem para a escrita da biografia *Vida de Apolônio de Tiana* ou ao aceite de Filóstrato ao pedido da imperatriz Júlia Domna para que ele escrevesse sobre a vida do tianeu (*VA*, I, 3).<sup>26</sup>

A seguir, refletiremos um pouco sobre aspectos da complexa relação entre autores de biografia e biografados, tema que tem sido uma preocupação entre historiadores desde o chamado “retorno da biografia”.<sup>27</sup>

#### CONSIDERAÇÕES SOBRE NA TÊNUE RELAÇÃO ENTRE BIÓGRAFO E BIOGRAFADO

Pensando nessa relação autor/personagem, Jean Orioux (1989, p. 36) acredita que, muitas vezes, nas biografias, o retrato do biografado é o retrato do próprio biógrafo. François Dosse (2009), por sua vez, está convencido de que as biografias são, de certa forma, um espelho do escritor, pois esse preenche lacunas com sua intuição

e, podemos complementar, com seu universo cultural. Além disso, o biógrafo precisa dar à sua narrativa o efeito do vivido, imprimindo, inevitavelmente, subjetividade na obra. Outro aspecto que Dosse sublinha na relação biógrafo/biografado é o envolvimento do escritor com o personagem. Um dos exemplos citados por Dosse (2009, p. 75) é de Stepan Zweig, em sua narrativa da vida de Erasmo de Roterdão, de 1935:

Quando Zweig escolhe Erasmo para tema biográfico, está em Londres, fugindo do nazismo. Por meio da figura de Erasmo, Zweig sonha com uma Europa inteiramente diferente da criada pela política de Hitler, que o força a um exílio ainda mais distante em 1941, no Brasil. Isso diz bem a que ponto o biógrafo é assumido, aliciado por seu herói, o “guerreiro da paz” numa Europa humanista, o “defensor mais eloquente do ideal humanitário, social e espiritual.” Inimigo do fanatismo, Erasmo lhe enseja a oportunidade de dar força e vida à sua palavra de ordem para combater a maré montante inexorável do perigo totalitário em 1935 [...].

Como no exemplo acima, acreditamos que Filóstrato atribui um papel para seu Apolônio, fazendo dele um símbolo do intelectual perfeito, capaz de aconselhar e colocar ordem no Império romano por seus atributos de bom orador, homem divino, bom filósofo e possuidor de todas as características de quem recebeu a *paideia* grega e fez bom uso dela. Apolônio é um modelo que tem as mesmas qualidades ressaltadas em seus sofistas na obra *Vidas dos sofistas* e que, por isso, pode ser considerado como uma projeção do ideal que Filóstrato buscava para si enquanto intelectual e para sua categoria, a dos sofistas gregos do Império romano. Apolônio é o defensor da importância da cultura grega dentro do Império romano e, conseqüentemente, da importância de sofistas como Filóstrato e seus biografados da *vs*, ocupando cargos públicos e estando ao lado dos imperadores em suas viagens e nas tomadas de decisões mais importantes do Império.

Dosse (2009, p. 71) ainda nos indica que, na seleção feita pelo biógrafo sobre o que dizer ou ressaltar sobre seu biografado, podemos encontrar traços do retrato do próprio biógrafo. Nesse caso, Dosse dá-nos como exemplo a biografia de Armand-Jean Le Bouthillier de Rancé, *Vie de Rancé*, escrita por François-René Chateaubriand, em

1884. Nessa biografia, Chateaubriand projetou-se em Rancé, tratando especialmente da velhice do biografado, momento da vida em que o biógrafo estava. E, então, perguntamo-nos, o que prende mais a atenção de Filóstrato ao retratar Apolônio?

Para responder a essa pergunta, iremos concordar com Flinterman (1995, p. 01), que bem observou que a *VA* apresenta três questões especiais em meio aos relatos da vida de Apolônio: a extensão dos contatos entre o protagonista e os demais personagens das monarquias e cidades por onde passa, a maneira como o autor determina esses contatos e a maneira como os personagens da *VA* podem interferir na política como sujeitos falantes. Tais aspectos estavam em confluência com as atividades de sofistas como Filóstrato e seus biografados da obra *Vidas dos sofistas* e são fundamentais para percebermos que Filóstrato projetou em Apolônio um intelectual grego que poderia ocupar cargos político-administrativos e estar próximo dos imperadores romanos, sendo, dessa forma, bem diferente do Apolônio que podemos perceber nas cartas da tradição.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, há muitas diferenças entre o Apolônio de Tiana das cartas do protagonista da biografia escrita por Filóstrato. Buscamos mostrar que os principais aspectos dessas diferenças estariam marcados pela maneira como Filóstrato busca apresentar seu biografado, ao tentar ligá-lo aos sofistas e, nesse sentido, a si próprio e ao seu grupo. Destacamos assim: Apolônio como sendo um grego ático e a defesa de uma identidade grega, algo presente em todo *corpus* documental filostratiano; Apolônio como um mediador de conflitos pelas cidades gregas, algo típico das funções dos sofistas apresentadas por Filóstrato na sua obra *Vidas dos sofistas*; a relação de Apolônio com imperadores romanos, algo que nos parece próximo da própria história de Filóstrato que manteve relações intelectuais com a imperatriz severiana Júlia Domna e pode ter ocupado cargos nas cortes de Septímio Severo e Caracala e, por fim, um aspecto bem interessante do Apolônio da *VA* que se encontra bem diferente nas cartas, o cosmopolitanismo do tianeu de Filóstrato, frente ao personagem que possui uma perspectiva bem local encontrado no Apolônio das *Cartas*. Diante dessa última observação sobre o Apolônio cosmopolitano de

Filóstrato, cumpre destacar que, no final da *VA*, Filóstrato menciona ter feito várias viagens, embora não informe por onde passou. Porém, ele deixa claro que, como era comum aos sofistas, também viajava muito: “Estou seguro de não ter encontrado em parte alguma uma tumba ou cenotáfio de nosso homem, ainda que tenha recorrido a maior parte da extensão da terra, e ouvido, por esses lugares, histórias sobrenaturais sobre ele” (*VA*, VIII, 31). Ou seja, mais uma projeção do autor em seu biografado pode ser encontrada aqui.

Além disso, percebemos que os contatos culturais do personagem Apolônio da biografia extrapolam o que é transmitido nas cartas, elas mostram um Apolônio circulando na região da Ásia menor, especialmente, enquanto, na *VA*, encontramos um Apolônio que circula pelos limites do mundo conhecido na época. Diante disso, parece-nos que Filóstrato projeta em Apolônio uma imagem de si próprio, de seus sofistas e de seu próprio contexto, o período da dinastia dos Severos.

ABSTRACT

Contrasting Views About the Sage Apollonius of Tyana: the Epistolar Tradition and the Greek Sophist Philostratus' Work (Third Century AD).

The reality about the sage Apollonius of Tyana, a controversial character surrounded by magic and the Pythagorean philosophy, who lived, probably, in the first century AD, is permeated by doubts. Besides the biography *Life of Apollonius of Tyana*, written by the Greek sophist Flavius Philostratus in the mid-third century AD, we have some references on Apollonius in texts and testimonies of material culture and a series of letters which is credited the authorship to Apollonius. However, the authorship of these letters is widely questioned, and the other testimonies bring just few pieces of information on Apollonius and are also characterized by the judgments of the authors. So we have limited information about who was Apollonius and also about what had he done, apart the content that is shown by Philostratus, considering that the Apollonius' portrait in Philostratus' text are also discussed by scholars who realize diverse elements of the biographer context in the work. Thus, the purpose of this article is to present an analysis of the following two documents: the letters and Philostratus' work, in a comparative perspective. We assume that there are elements of identification between Apollonius and Philostratus' group, the Greek sophists of the Second Sophistic, which are not in the letters. Such document analysis provides important information for understanding the historical moment in which the biographer lived and his intentions in the work. Moreover, analyzing this we perceive aspects of the policy and the administration of the Roman Empire in the third century AD and we can discuss the interesting relationship between biographers and biographees writing biographies.

KEYWORDS

*Life of Apollonius of Tyana*; Flavius Philostratus; greek sophist; third century AD; biographies.

NOTAS

<sup>1</sup> Abreviaremos o título da *Vida de Apolônio de Tiana* como VA, conforme regras de abreviação de nomes de textos clássicos do *Oxford Classical Dictionary*.

<sup>2</sup> Tianeus é uma das formas que Filóstrato chama Apolônio e, também, que os pesquisadores se referem ao personagem que, como apresentado na VA, era da cidade de Tiana, na Capadócia.

<sup>3</sup> Entendemos *paideia* como a educação pedagógica, política, filosófica e religiosa, recebida pelos cidadãos das elites greco-romanas (CARVALHO, 2010, p. 25). Seria, então, um “modelo de ‘cultura’ retransmitido pelo sistema educativo visando confortar e justificar a dominação política das elites locais” (CARRIÉ, 2011, p. 20).

<sup>4</sup> As cartas de Apolônio são citadas em: VA, I, 15, 24; III, 51; IV, 27; IV, 46; V, 41; VI, 28, VI, 33 e VIII, 3.

<sup>5</sup> Chamaremos como cartas transmitidas pela tradição as cartas, possivelmente, escritas por Apolônio de Tiana.

<sup>6</sup> Apolônio era da cidade de Tiana, conforme seu epíteto mostra, na região da Capadócia.

<sup>7</sup> Esse tema foi mais bem desenvolvido por nós em nossa tese de doutorado, intitulada *O Império romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da “Vida de Apolônio de Tiana” (séc. III d.C.)*, defendida em 2014 na UNESP/Franca, sob orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho.

<sup>8</sup> A estadia de Apolônio, pela Península Itálica, no livro VI, é apenas mencionada e Filóstrato não comenta detalhadamente o que ele fez nessa região.

<sup>9</sup> A temática da identidade grega está presente em todo *corpus* documental filostratiano.

<sup>10</sup> Filóstrato, no seu Apolônio, demonstra um amplo conhecimento do material literário grego, citando frequentemente trechos de obras, nomes de escritores de diversos gêneros e um amplo conhecimento sobre mitologia, história e religiosidade gregas.

<sup>11</sup> O grego ático era o grego das elites intelectualizadas, baseado no grego da época clássica da *pólis* de Atenas (séc. V e IV a.C.), almejado pelos intelectuais da Segunda Sofística em oposição ao demótico, falado pelas camadas populares (WHITMARSH, 2001, p. 272). Como Segunda Sofística, em linhas gerais, estamos compreendendo a afirmação identitária grega na obra de diversos autores do Império Romano (especialmente nos contextos dos séc. II e III d.C.), alguns nascidos na Grécia propriamente, outros com formação aos moldes da *paideia* grega imperial romana, mas que, nesse sentido, também se afirmavam como gregos.

<sup>12</sup> Citamos aqui apenas passagens nas quais Apolônio é mencionado como homem divino, mas há diversas passagens da VA que tais características ficam evidentes. Para saber mais sobre a análise de Apolônio como um homem divino, sugerimos a leitura de: CORNELLI, G. **Sábios, filósofos, profetas ou magos?:** equivocidade na recepção das figuras de εὐαγγελιστῆς na literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Metodista de São Paulo, 2001.

<sup>13</sup> Narrador.

<sup>14</sup> Fala do sátrapa do reino parto.

<sup>15</sup> Refere-se ao sátrapa indiano.

<sup>16</sup> Fala de Fraotes, rei indiano.

<sup>17</sup> Fala de Fraotes, rei indiano.

<sup>18</sup> Fala de Iarcas, sábio indiano.

<sup>19</sup> Fala de Iarcas, sábio indiano.

<sup>20</sup> Fala de Damis.

<sup>21</sup> Fala do governador da Grécia. O texto em grego trata esse personagem como governador da Grécia, porém não existia uma Província da Grécia no Império Romano, acreditamos que talvez seja o governador da Província de Acaia.

<sup>22</sup> De maneira geral, na literatura do Principado Romano que chegou até nós, havia uma distinção entre práticas de cunho mágico, consideradas populares, maléficas e charlatãs, a *goeteia* – de outra magia incorporada em rituais de deuses da religião oficial romana e parte de estudos filosóficos, a teurgia. Conforme Gabriele Cornelli (2001, p. 27): “As práticas comumente reconhecidas como *goeteia* são: viagens para o inferno, práticas mediúnicas, necromancia, simpatias, maldições, e todo tipo de persuasão oculta.” Já a teurgia, de acordo com Joseph Bidez (p. 284, apud: DODDS, 2002), era um tipo de prática de magia baseada na relação entre espíritos celestes. O objetivo principal da teurgia era, assim, atingir as forças divinas, sendo normalmente oposta a *goeteia*, que invocaria forças maléficas, na crença dos antigos romanos. A teurgia, portanto, era uma assimilação de rituais religiosos e especulações filosóficas com uma base mágica. A fim de atingir o conhecimento, dessa maneira, os filósofos teurgos praticavam ritos mágicos. Em geral, na sociedade do Principado, usava-se o termo *mageia* para definir as práticas religiosas dos persas, que, no entanto, não eram consideradas de maneira negativa.

<sup>23</sup> Conforme Dzielska (1986, p. 45-47), Eufrates foi um filósofo estoico da Síria, provavelmente da cidade de Tiro, contemporâneo de Apolônio. Eufrates era amigo de aristocratas romanos e parece ter sido amigo de Plínio, com quem, talvez, tenha-se encontrado na Síria em 81/83 d.C. A esposa de Eufrates era filha de Pompeu Juliano, um dos homens mais influentes da Síria em sua época.

<sup>24</sup> São as cartas para Escopeliano (*Carta 19*), Dião de Prusa (*Cartas 9 e 10*), Musônio Rufo (*Cartas 42b-e*) e Demétrio (*Carta 77e*).

<sup>25</sup> Cornélio Nepote (ou Cornélio Nepos) viveu de 100 a 25 a.C., aproximadamente, foi um escritor nascido na Gália Insúbria, viveu em Roma e foi amigo de Catulo; entre seus livros, destacam-se obras biográficas (HARVEY, 1999, p. 140-141).

<sup>26</sup> Conforme Ewen Bowie (2009, p. 19), Filóstrato aproxima-se da corte imperial em 205 e 206 d.C. Assim, é provável que ele tenha sido introduzido no início do séc. III no círculo da corte de Septímio Severo e Júlia Domna, possivelmente integrado a algum grupo de matemáticos, oradores e filósofos que viva ao redor da imperatriz Júlia. Filóstrato diz fazer parte desse grupo em duas passagens de suas obras (VA, I, 3 e VS, II, 622).

<sup>27</sup> Sobre o retorno das biografias, ver: LEVILLAIN, P. Os protagonistas da biografia. In: RÉMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 141-184.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES DOCUMENTAIS

APOLLONIUS OF TYANA. Letters of Apollonius. In: PHILOSTRATUS. **The Life of Apollonius of Tyana**. Editado e traduzido por Christopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2006, vol. III. p. 10-79.

\_\_\_\_\_. The Epistles of Apollonius. In: PHILOSTRATUS. **The Life of Apollonius of Tyana**. Tradução de F.C. Conybeare. London/New York: William Heinemann/G. P. Putman's sons, 1921. vol. II. p. 407-481.

DIÓN DE PRUSA. **Discursos XII-XXXV**. Tradução, introdução e notas de Gonzalo del Cerro Calderón. Madrid: Gredos, 1989.

DIO CHRYSOSTOM. **Discourses**. Disponível em: <[http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Dio\\_Chrysostom/home.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Dio_Chrysostom/home.html)>. Último acesso em: 20 set. 2013.

PHILOSTRATUS. **The Life of Apollonius of Tyana**. Editado e traduzido por Christopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2005. vol. I.

\_\_\_\_\_. **The Life of Apollonius of Tyana**. Editado e traduzido por Christopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2005. vol. II.

FILÓSTRATO, F. Vida de los sofistas. Traduções do grego e notas por Antonio Sanz Romanillos, José Ortiz y Sanz y José M. Riaño; prólogo general por Juan Martín Ruiz-Werner; preâmbulos parciais por F. de P. Samaranch y J. M. Riaño. In: FILÓSTRATO, Eunapio. **Biógrafos griegos**. Madrid: Aguilar, 1973. p. 1389-1456.

\_\_\_\_\_. **Vida de Apolônio de Tiana**. Tradução, introdução e notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

\_\_\_\_\_. **Heroico, Gimnástico, Descripciones de Cuadros, Cartas**. Introducción de Carles Miralles. Tradução e notas de Francesca Mestre. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vidas de los Sofistas**. Introdução, tradução e notas de María Concepción Giner Soria. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

TESTIMONIA. In: PHILOSTRATUS. **The Life of Apollonius of Tyana**. Edited and Translated by Christopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2006. vol. III. p. 81-143.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Roshan J. **Magic and religious authority in Philostratus' Life of Apollonius of Tyana**. 2009. Tese (Doutorado), University of Pennsylvania, Pensilvânia, 2009.

BANCALARI MOLINA, A. Relación entre la *Constitutio Antoniniana* y la *Imitatio Alexandri* de Caracalla, **Revista de Estudios Histórico-jurídicos**. Valparaíso. n. 22, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0716-54552000002200001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0716-54552000002200001&script=sci_arttext)>. Último acesso em: 10 out 2011.

BRANDÃO, J.L. A adivinhação no mundo helenizado do II século. **Clássica**. São Paulo, 4, 1991, p. 103-121.

CARVALHO, M.M. de. **Paideia e Retórica no século IV d.C.** A Construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório de Nazianzeno. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2010.

CARRIÉ, J-M. Les Sévères. In: CARRIÉ, J-M.; ROUSSELLE, A. **L'Empire Romain en mutation**. Des Sévères à Constantin. 192 – 337. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 49-88.

\_\_\_\_\_. **Unificação política, globalização cultural e economia-mundo no Império Romano Tardio**. Tradução de Deivid Valério Gaia. Correção de Fábio Faversoni. 2011. Conferência apresentada no III Encontro Regional do GLEIR – UNESP/Franca em 19 set. 2011, p. 01-24.

CORNELLI, G. **Sábios, filósofos, profetas ou magos? Equivocidade na recepção das figuras de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré na literatura helenística**: a magia incomoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001.

DODDS, E.R. Teurgia In: \_\_\_\_\_. **Os gregos e o irracional**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 286-314.

DZIELSKA, M. **Apollonius of Tyana in legend and history**. Problemi e ricerche di Storia Antica. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1986.

DOSSE, F. A idade heroica. In: \_\_\_\_\_. **O desafio biográfico**. São Paulo: Edusp, 2009. p. 123-193.

FLINTERMAN, J.J. **Power, Paideia & Pythagoreanism**: Greek Identity, Conceptions of the Relationship Between Philosophers and Monarchs and Political Ideas in Philostratus' Life of Apollonius. Amsterdam: J.C. Gieben, 1995.

GLEASON, M.W. Greek Cities under Roman Rules. In: POTTER, D.S. (Ed.) **A Companion to the Roman Empire**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 228-249.

GRIFFITH, S. H. Beyond the Euphrates in Severan Times: Mani, Bar, Daysan and the Struggle for Allegiance on the Syrian Frontier. In: AITKEN, E.B.; MACLEAN, J.K.B. (Eds.). **Philostratus's Heroikos: Religion and Cultural Identity in the Third Century C. E.** (Writings from the Greco-Roman World, V. 6). Boston: Brill Academic Publishers, 2004. p. 317-332.

HIDALGO DE LA VEGA, M.J. Ciudades griegas en el Imperio romano: la mirada de los sofistas. **Stud. Hist.** 20, 2002, p. 75-114.

MILLAR, F.P. Government and Diplomacy in the Roman Empire During the First Three Centuries. **The International History Review**. n. 3, 1988, v. 10, p. 345-377.

PENELLA, R.J. Philostratus' Letters to Julia Domna. **Hermes**. n. 2, 1979, v. 107, p. 161-168.

SILVA, S.C. **O Império romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da “Vida de Apolônio de Tiana” (século III d.C.)**. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, UNESP, Franca, 2014.

WHITMARSH, T. ‘Greece is the World’: Exile and Identity in the Second Sophistic. In: GODHILL, S. **Being Greek under Rome**: Cultural Identity, the Second Sophistic and the Development of Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 269-305.